



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Bruno Rosa Ramos e Marina Zanin Negrão

Millennials Invisíveis: onde está essa geração no mercado de trabalho?

RELATÓRIO TÉCNICO do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Projetos Experimentais, ministrada pelo Prof. Fernando Antônio Crocomo, no 2º semestre de 2019.

Orientador: Professor Samuel Pantoja Lima

Florianópolis
Dezembro de 2019

FICHA DO TCC		Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO		
UFSC				
ANO	2019			
ALUNOS	Bruno Rosa Ramos e Marina Zanin Negrão			
TÍTULO	Millennials Invisíveis: onde está essa geração no mercado de trabalho?			
ORIENTADOR	Samuel Pantoja Lima			
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso		
	<input type="checkbox"/>	Rádio		
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo		
	<input type="checkbox"/>	Foto		
	<input type="checkbox"/>	Website		
	<input type="checkbox"/>	Multimídia		
	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica		
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional		
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)		
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:	
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	(x) Florianópolis (x) Santa Catarina Internacional () Região Sul	(x) Brasil () País: _____
ÁREAS	Vídeo documentário; Millennials; geração Z; mercado de trabalho; classe social; era da informação			
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso é um vídeo documentário que retrata a realidade da geração de jovens nascidos entre 1982 e 2004 relacionado ao mercado de trabalho e relações com a tecnologia e informação. Através de uma ótica socioeconômica, analisaremos as diferentes realidades dos jovens que têm hoje entre 14 e 36 anos de idade, questionando quais espaços ocupam no mercado de trabalho e quais as oportunidades que têm de acordo com as condições econômicas e sociais.			

Aos jovens brasileiros que seguem sonhando mesmo diante de um futuro tão incerto.

AGRADECIMENTOS

Às nossas famílias, Maria Helena Zanin, Edmilson Negrão e Lucas Zanin Negrão; Clarice Rosana Rosa, Aline Rosa Nunes e Cleusa Inez Fialho Canale que, mesmo com a distância, sempre estiveram presentes apoiando nossas escolhas e decisões, e nos dando força para seguir em frente. Aos nossos amados, pela paciência e suporte emocional que nos mantiveram firmes ao longo dessa jornada — obrigado Bruno Canele Medeiros pelas jantas preparadas para nós em noites de produção deste TCC. Agradecemos ao nosso orientador, Prof. Samuel Lima, pela sua sabedoria e sensibilidade que acalma e inspira, e por ter nos apoiado e incentivado a fazer o nosso melhor e sermos pessoas melhores a cada dia. Obrigado a todos nossos amigos e amigas que sempre estiveram presentes, para nos escutar e fazer crescer, pelos finais de semana de paz após dias de exaustão.

Obrigado Enrico, sobrinho amado, por com sua luz infinita ter nos mostrado a grandeza da compaixão divina. Pela coragem e altruísmo de ter aceitado a missão de vir ao mundo nos lembrar a verdadeira essência e significado do amor. Aos seus pais, Aline Rosa Nunes e Allan Patrick dos Santos, por terem me lembrado do poder curativo da fé, por todo seu amor e fraternidade. Eu os amo com todo o meu coração.

Um agradecimento especial meu, Marina, aos professores Samuel Lima, Isabel Colucci e Leslie Chaves. No ano de 2017 tratei um quadro de depressão e tentativa de suicídio e vocês, talvez sem que soubessem, me ajudaram a não desistir do jornalismo, me mostrando um lado sensível, possível e diferente da profissão. Sempre foram muito compreensíveis durante as aulas em qualquer situação. Faço minhas as palavras do professor Samuel em um e-mail que me enviou neste tal ano, "tens o meu respeito, afeto e admiração! Vamos em frente, sempre!". Obrigada Bruno Rosa por estar também ao meu lado nessa época e por fechar esse ciclo junto comigo.

SUMÁRIO

1 RESUMO	5
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA	6
2.1 APRESENTAÇÃO DOS MILLENNIALS: QUEM É ESSA GERAÇÃO E PÓS GERAÇÃO?.....	7
2.1.2 Millennials: um recorte de classe econômica-social	8
2.2 VIDA ECONÔMICA E MERCADO DE TRABALHO: A DIFICULDADE DE INSERÇÃO DO JOVEM.....	10
3. JUSTIFICATIVAS	13
3.1 OPÇÃO PELO TEMA.....	13
3.2 OPÇÃO PELO VÍDEO DOCUMENTÁRIO.....	14
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO	15
4.1 PRÉ-APURAÇÃO.....	15
4.2 APURAÇÃO/GRAVAÇÕES.....	16
4.2.1 Fontes	19
4.2.2 Estrutura Narrativa	22
4.3 EDIÇÃO/FINALIZAÇÃO.....	23
5. RECURSOS	24
6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS	24
REFERÊNCIAS	27
ANEXO	29

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um vídeo documentário que retrata a realidade da geração de jovens nascidos entre 1989 e 2001 relacionado ao mercado de trabalho e relações com a tecnologia e informação. Através de uma ótica socioeconômica, analisamos as diferentes realidades de jovens que têm hoje entre 18 e 30 anos de idade, questionando quais espaços ocupam no mercado de trabalho e quais oportunidades que têm de acordo com as condições econômicas e sociais.

Palavras-chave: videodocumentário; jornalismo; Millennials; geração Z; mercado de trabalho; desemprego.

2. APRESENTAÇÃO DO TEMA

Este Trabalho de Conclusão de Curso em formato de vídeo documentário propõe-se a discutir a situação dos jovens dentro do contexto econômico atual do mercado de trabalho brasileiro, tendo em vista as taxas de desemprego que entre o primeiro e segundo trimestre de 2019 atingem em torno de 12 milhões de pessoas. O objetivo é, através de quatro perfis selecionados para o trabalho, mostrar as diferentes realidades que geração de jovens que têm entre 18 e 30 anos pode encontrar ao tentar inserir-se no mercado, quais dificuldades enfrentam ao tentar entender essas relações, suas opiniões sobre o assunto e as perspectivas com o futuro, trazendo mais personalidade a fim de buscar a universalidade na visão singular de cada um dos jovens entrevistados.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), é sabido que dentro da população que se encontra desocupada no país, 31,9% está compreendida na faixa etária entre os 18 e 24 anos. Em Santa Catarina, a taxa é um pouco menor comparada à nacional. Entre a mesma faixa etária, os desocupados são 29%. Entre reduções e aumentos, o desemprego continua sendo um problema latente no Brasil e dentro desse contexto, ainda, outro cenário é também crescente e igualmente preocupante: o de empregos informais. São 24,4 milhões de trabalhadores por conta própria no país, a maior taxa registrada desde 2012.

Com a nossa narrativa, buscamos atrelar esses e outros dados a um questionamento pessoal no qual nós, enquanto repórteres, também nos inserimos. Alguns conceitos, como “Millennials” e “Geração Z” propõe certos padrões e estereótipos a determinadas faixas etárias de pessoas no intuito de definir como as mesmas se comportam na sociedade e no mercado de trabalho. Muitas vezes sem considerar o viés classista de uma denominação que tem como argumento jovens que são nativos digitais, ou seja, que já cresceram em um ambiente de transformação digital e com acesso à tecnologia e informação. Foi com esse conflito em mente que concentramos nossos esforços para tentar entender as caracterizações dessa geração de jovens dentro do cenário socioeconômico do Brasil.

2.1 APRESENTAÇÃO DOS MILLENNIALS: QUEM É ESSA GERAÇÃO E PÓS GERAÇÃO?

Segundo a definição do termo, os Millennials são uma geração em contato constante com a tecnologia, nascidos entre o final da década de 1980 e os anos 2000, frequentemente caracterizados como “sonhadores”, “preguiçosos” e “digitais”. As definições geracionais pressupõe que um grupo etário, coletivamente, possua as mesmas características, modos de se portar e até mesmo ambições e modos de compreender o mundo, apesar de suas biografias individuais.

Os adolescentes de hoje querem um nome que seja uma palavra fundadora, respeite sua novidade, reinicie o relógio da História secular em torno de seu próprio cronograma. O nome 'Millennial' reconhece a superioridade tecnológica sem defini-los explicitamente (HOWE e STRAUSS, 2000, p. 12).

A maioria das pesquisas diverge em relação à faixa etária exata da geração, mas coincidem em sua descrição, na maneira de se relacionar, consumir e trabalhar que esses jovens possuem. Segundo a pesquisa Deloitte Millennials Survey, de 2015, essa geração valoriza mais o propósito pelo qual trabalha do que o retorno financeiro que o mesmo pode gerar e se mostra disposta a aceitar empregos que paguem menos ou que estejam fora de sua área de formação em detrimento de sentimentos que pessoalmente as satisfaçam.

A mensagem é clara: quando olhamos para seus objetivos de carreira, os Millennials de hoje estão tão interessados em como o negócio irá ajudar a desenvolver a as pessoas e sua contribuição para a sociedade quanto em seus produtos e lucros financeiros (SALZBERG, ano 2019).¹

Os Millennials, diferente da geração de seus pais — que costumavam fixar raízes nas empresas nas quais trabalhavam, talvez pelo fato de que não tinham outra escolha a não ser sustentar e prover aos filhos — são conhecidos pela inquietação e a constante busca pela descoberta. No trabalho, gostam de ser desafiados, mas com alguma perspectiva de onde eles podem chegar se mostrarem esforço e resultados. Estudos revelam, ainda, que os Millennials estão preocupados

¹ Artigo de Barry Salzberg, diretor da Deloitte Global publicado pela Deloitte: the message is clear: when looking at their career goals, today's Millennials are just as interested in how a business develops its people and its contribution to society as they are in its products and profits.

em trabalhar em causas que “impactam positivamente o mundo e a sociedade”. Globalmente, cerca de 73% dos Millennials acreditam que os empreendimentos devem ter impacto positivo e verdadeiro na sociedade. Eles também são, geralmente, mais otimistas com relação à economia global, apesar de terem mais dúvidas sobre seus ramos de formação e atuação e modelos de negócio no mercado de trabalho tradicional.

Essa geração também é marcada por ter crescido junto com o avanço da era da informação. Nativos digitais, esses jovens são bombardeados de informação o tempo todo. E também expectativas suas, dos pais, dos amigos e da sociedade. Esses são alguns fatores que levam a geração Y e Z, como também é conhecida, a possuírem uma alta incidência de crises de ansiedade e transtornos psicológicos. Segundo uma pesquisa realizada pela empresa de consultoria Consumoteca, 35% dos jovens da geração alegam já ter sofrido depressão em alguma fase da vida e 57% diz conhecer alguém da sua idade que sofre da doença.

2.1.2 Millennials: um recorte de classe econômica-social

Com as definições sociológicas para os Millennials apresentadas acima, é possível perceber que o conceito apresenta um recorte social-econômico que considera, na maioria dos casos, jovens com recursos financeiros suficientes para disponibilizarem de tecnologia, educação de qualidade — e, conseqüentemente, acesso a um mercado de trabalho que inclui empresas de tecnologia e startups, por exemplo — acesso à internet e smartphones ligados a redes móveis durante todo o dia. Todos esses apontamentos entram em cheque quando comparados com a realidade brasileira, onde, segundo dados da pesquisa do IBGE de 2015, somente 57% da população possui acesso à internet em seus domicílios, por exemplo, bem como a permanência de estruturas socioeconômicas, políticas e culturais que continuam reforçando a forte desigualdade social e racial que é constatada atravessando todo o território nacional. De acordo com a Secretaria Nacional da Juventude e da Unesco, os jovens negros entre 15 e 29 anos correm 2,7 vezes mais risco de serem assassinados do que brancos da mesma faixa etária. Com isso, é possível perceber que a definição

de "Millennials" — que é amplamente difundida e discutida — é permeada por uma ideia falha de que toda uma geração tem acesso às mesmas oportunidades dentro do mercado de trabalho, estudos, qualidade de vida e oportunidades de emprego.

Estudos da Fundação Getúlio Vargas/RJ (FGV), mostram que, para cada ano de estudo no ensino superior, há um impacto médio de 12% na renda do jovem trabalhador. Na contramão dessa realidade, atualmente, em nosso país, a cada 100 jovens entre 18 e 24 anos, apenas 18 estão cursando ensino superior. Mesmo diante desse cenário, a perspectiva, infelizmente, não parece ser de melhora, tendo em vista as mudanças partidas do governo de Michel Temer e seguidas pelo governo de Jair Bolsonaro que preveem uma redução do financiamento público dos estudos em instituições particulares de ensino superior via Fies, que beneficiou jovens de renda baixa em todo o país; além de cortes dentro de universidades públicas que colocam em risco o funcionamento e manutenção não só da estrutura física como também de programas sociais de permanência para jovens em situação de vulnerabilidade social e econômica.

Além disso, outras pesquisas revelam que a maioria dos jovens de baixa renda já começam com pouco acesso à informação de como adentrar em uma universidade ou faculdade de ensino superior. A falta de informação e acesso a respeito do assunto é uma realidade que atinge grande parte dos jovens dessa geração - como estuda o projeto “FuturAção” da UFSC, que visa orientar estudantes de escola pública sobre como entrar e permanecer na universidade. Grande parte dos alunos de escola pública, quando no ensino médio, preveem terminarem seus estudos para trabalhar ou ajudar em casa, e não na expectativa de ingressarem no ensino superior.

Considerando a lacuna de acesso à informação por uma parcela grande da população, a dificuldade de acesso ao ensino superior e os obstáculos para entrada no mercado de trabalho, a geração de “Millennial” é tipificada com características e, de certo modo, estereótipos que pouco representam parcela significativa da população jovem, principalmente quando falamos de Brasil. A grande maioria dela pode até ser influenciada por questões comportamentais e ideológicas compartilhadas por um

grupo da mesma faixa etária, mas é no mínimo arriscado afirmar que encaram o cenário laboral da mesma forma.

2.2 VIDA ECONÔMICA E MERCADO DE TRABALHO: A DIFICULDADE DE INSERÇÃO DO JOVEM

Entre as inúmeras perspectivas teóricas desenvolvidas na tentativa de definir, conceituar e limitar os períodos da juventude, cabe destacar o fato de que versamos sobre uma condição histórica e social, e não meramente etária (MARGULLIS Y URRESTI, 1996). Por ser uma representação simbólica criada por distintos grupos sociais, devemos perceber a juventude como categoria social. Analisar o desenvolvimento histórico da condição juvenil é passível de se perceber, que na cultura ocidental, a participação dos jovens foi durante tempos desconsiderada nos movimentos e transformações sociais, frequentemente ligada a ideia de imaturidade, ignorância e subserviência familiar (GROPPO, 2000). Fato que se altera somente durante o século XX com a emergente visibilidade social da juventude e o reconhecimento de uma cultura adolescente.

Em 1985, a Assembleia Geral das Nações Unidas define o jovem como sendo o indivíduo pertencente ao grupo populacional localizado entre 15 e 24 anos de idade. Garantindo, assim, o reconhecimento internacional da condição juvenil e permitindo a garantia de direitos e o desenvolvimento de políticas públicas voltados a juventude (UNESCO, 2004). No Brasil, para fins de políticas públicas, juventude é uma condição social parametrizada pela faixa etária que congrega cidadãos e cidadãs com idade entre 15 e 29 anos. Ainda na realidade brasileira, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua² o país conta com uma população jovem de 48,5 milhões de pessoas.

A posição de economia emergente que o país ocupou nos últimos anos frente a globalização não foi suficiente para sua completa modernização e o avanço da

² PNAD Contínua, elaborado pelo IBGE, visa acompanhar as flutuações trimestrais e a evolução, no curto, médio e longo prazos, da força de trabalho, e outras informações necessárias para o estudo do desenvolvimento socioeconômico do País.

democratização de suas instituições sociais. A crise financeira mundial, deflagrada em 2008, esfriou a economia global e, nos anos seguintes, exigiu do país esforços para realização de um amplo ajuste fiscal que imobilizou a capacidade do Estado investir. Esse cenário, somado com a crise política que resultou no impeachment de Dilma Rousseff, aprofundou o desemprego no país para a taxa de 12,6%, ainda em novembro de 2018. No primeiro trimestre de 2019, a taxa chegou aos 12,7%, somando 13,4 milhões de pessoas em busca de renda.

Nesse período, o desemprego entre os jovens tornou-se superior ao dobro da taxa geral, segundo os levantamentos do IBGE. É de notório conhecimento que o elevado desemprego entre os jovens é um fenômeno mundial, seja pelas circunstâncias de natureza conjuntural da economia, seja pelas barreiras da falta de experiência. No Brasil, a taxa de desemprego na população jovem chegou a patamares de 26,6% entre a faixa etária de 18 a 24 anos e 42,7% entre os de 14 e 17 anos. Soma-se a essa realidade questões preocupantes como evasão escolar, pouca oferta de vagas para o ensino técnico e superior, e inexpressivas políticas públicas para facilitar a inserção dos jovens tanto na universidade quanto no mercado de trabalho.

Outra questão que permeia a juventude são as taxas de desemprego para os recém-formados. Dentre os que conseguem entrar na universidade, permanecer e graduar-se, segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), 14% não encontram emprego, comparado a 8% em 2014. Mais um dado que se mescla com esses números, mostra que entre os jovens de 25 a 29 anos que conseguiram trabalhos ao sair da universidade, apenas 35% estão em postos que exigem formação superior, contra 51% em 2014. Em entrevista com a professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Adriana D'Agostini, pesquisadora sobre as transformações no mundo do trabalho, endossa sobre a questão:

Existe um estudo da OIT que relata que nós não temos um problema de subqualificação mas de sobrequalificação. Nós temos pessoas mais qualificadas do que os postos de trabalho exigem para trabalhar. Então o jovem que tem a sua qualificação vai ocupar um posto de trabalho simples em relação ao que ele sabe, e os que não tem essa qualificação toda, ficam ainda mais longe da possibilidade de acessar esse mercado de trabalho (D'AGOSTINI, Adriana. 2019).

Durante o segundo e terceiro trimestres de 2019, a taxa de desocupação do brasileiro e do jovem teve alguns recuos, 12,3% e 11,8% respectivamente. O que nos leva a outra questão: a taxa de ocupados aumentaram, junto a ela subiram os números de pessoas em empregos informais, sem carteira assinada ou trabalhando por conta própria. Segundo dados do IBGE através da Pnad, 41,4% da população ocupada se encontra na informalidade, um recorde na série história criada pelo senso em 2012. Consideramos aqui os "trabalhos informais" consideramos pessoas empregadas no setor privado sem carteira de trabalho, trabalhadores domésticos também sem carteira assinada, trabalhadores por conta própria sem CNPJ e pessoas que trabalham ajudando parentes - pelas definições dadas pelo IBGE.

Em números concretos, o Brasil conta hoje com uma média de 19,4 milhões de pessoas trabalhando por conta própria. A segunda maior taxa entre os informais são os de empregados sem carteira assinada, somando 11,6 milhões de pessoas. De 2,2 milhões de postos de trabalho gerados no país entre 2018 e 2019, 1,1 são por conta própria. É dentro desses números que encontramos cada vez mais pessoas trabalhando com aplicativos como Rappi, UberEats, Uber, iFood, entre outros. Durante o fechamento desse trabalho, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou a Carta de Conjuntura para o 4º trimestre de 2019. No documento, o instituto afirma que o aumento do trabalho por conta própria está relacionado a aplicativos.

A dinâmica dos trabalhadores por conta própria, cujo crescimento, em um primeiro momento, foi creditado apenas a uma piora do cenário de emprego no país, pode estar indicando uma mudança estrutural das relações de trabalho, seja por conta do aumento da terceirização, tendo em vista não só a regulamentação da terceirização em um gama maior de atividades, mas também devido à consolidação da “economia de aplicativos”, que tem aberto novas possibilidades de geração de renda." (PORTAL IPEA, 2019).

Durante o documentário e as entrevistas feitas com especialistas e pesquisadores sobre as transformações no mundo do trabalho, questionamos a questão dos aplicativos e da relação do jovem com essa nova possibilidade de inserção no mercado. Muitos deles destacaram a precariedade que esse jovem pode encontrar trabalhando em esse tipo de situação: jornadas de trabalhos longas, exaustão e dificuldade de encontrar, em outro momento, espaço no trabalho formal. Soma-se a

isso o fato de que o empregado deve dispor de instrumentos de trabalhos próprios, eximindo a responsabilidade das companhias de qualquer responsabilização em casos de acidentes ou infortúnios, ou de qualquer responsabilidade legal para com seus empregados. Atrélado a esse cenários está o discurso que tem atraído jovens para esse tipo de emprego, como a flexibilidade de horários e a possibilidade de conseguir uma renda extra, mesmo que pequena, de maneira rápida e desburocratizada.

3. JUSTIFICATIVAS

3.1 Opção pelo tema

Acreditamos que debater e investigar os desdobramentos dessa temática nos coloca diretamente em confronto com a realidade na qual estamos diretamente colocados: dois jovens saindo da universidade para tentar o ingresso no mercado de trabalho diante da instabilidade política e econômica nacional e mundial. A dificuldade que essa geração, posta muitas vezes com a mesma maneira de agir, tem de se desenvolver dentro no mercado de trabalho. Como essa realidade afeta economicamente e socialmente esses jovens, e como as diferentes classes sociais que permeiam a realidade brasileira influenciam no modo como essas pessoas vivem a vida e dão início à prática da força de trabalho. Quais os principais objetivos ao entrar no ensino superior? Vale acreditar que uma universidade te garante um melhor espaço no mercado? Trabalham para se manter e possuir bens materiais ou por acreditarem no que fazem?

No meio dessas diversas mudanças, os Millennials acompanham as alterações na forma de convívio social junto ao seu crescimento e desenvolvimento como jovens adultos. O que essa geração tem a contribuir com a sociedade é um dos pontos cruciais deste trabalho, além da forma como essa geração está inserida na sociedade. Além de toda a posição mercadológica e econômica desfavorável, como essa visão de mundo e o cenário no qual essa geração cresce e se insere prejudica ou influencia nas vivências de cada um deles. Ainda existe espaço para sonharem?

Além da importância e relevância da temática para o momento atual, observamos a complexidade do conteúdo que na sua essência é tratado com indicadores e tabelas enormes, pesquisas e grande volume de dados que evidenciam o

assunto. Acreditamos na importância dessas informações, pois através delas se comprova uma realidade percebida em nosso cotidiano e, em nossos casos particulares, também vivenciada. Apesar disso, grande parte da bibliografia e trabalhos que estudam a questão geracional seguem uma linha que marginaliza a realidade da juventude brasileira. Para nós, isso representa a necessidade de entender a perspectiva de outros jovens, que estudam ou não, entendem ou não, pesquisam ou não sobre o assunto: como você enxerga o seu futuro? E foi aí o início pela busca de personagens “não vistos” dentro do conceito, onde buscamos intercalar diversas visões.

3.2 Opção pelo vídeo documentário

A opção pelo vídeo documentário se deu no objetivo de ilustrar melhor essa realidade e, por meio de entrevistas de relatos pessoais, evidenciar a narrativa construída por meio dessas análises e reflexões. O trabalho segue uma linguagem jornalística usada em alguns programas como o “Profissão Repórter”, no qual as imagens, o texto conduzido com clareza e objetividade e as histórias pessoais de cada jovem dão forma o conteúdo final.

A ideia é de que diversos personagens contem, através de suas perspectivas sociais e econômicas, como é a relação deles com o Mercado de Trabalho, suas expectativas em relação a esse mercado e como a geração lida com as diferentes oportunidades e possibilidades que essa tal realidade lhes oferece. Por meio do vídeo documentário, também, será melhor exibido as opiniões e histórias sem que os repórteres tenham tanto protagonismo dentro da história. Para Spinelli, um dos elementos-chaves que diferencia o documentário das reportagens telejornalísticas é o papel do repórter na constituição da informação:

O repórter, como o próprio nome já diz, é o núcleo fundamental da reportagem. Já no caso do documentário, pode até existir uma pessoa ou mais na condução da história, porém o modo como ela aparece no vídeo não precisa apresentar os princípios de imparcialidade e objetividade jornalística. A reportagem prioriza a informação, diferente do documentário, em que a importância de um olhar reflexivo e autoral sobre determinados problemas da sociedade costuma ser o fio condutor de uma narrativa, que tem como meta uma maior conscientização e aprofundamento do que é mostrado (SPINELLI, 2012, p. 3).

O formato possibilita o maior aprofundamento de diversas questões que envolvem a temática. Questões não apenas políticas, sociais e econômicas, mas

comportamentais. Através das lentes, este trabalho buscará mostrar para além dos estereótipos criados para essa geração e problematizar o esquecimento de uma maioria na população que não possui acesso ao que se considera essencial para entrar no mercado de trabalho.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pré-apuração

A pré-apuração teve início ainda na disciplina de Técnicas de Projetos de Comunicação, no segundo semestre de 2018. Foi quando começamos a questionar a relação que empresas de tecnologia e *startups* tinham com seus funcionários. Os jovens trabalhavam mesmo por amar o que faziam e por acreditarem em determinado propósito? Eles tinham consciência dessas características ou não? Depois de uma breve investigação e a partir de conversas com amigos, outro fator passou a nos instigar curiosidade: quem é esse jovem Millennial que encontramos nas teorias e literatura, principalmente estadunidense, que estudam questões geracionais? Diversas questões nos pareceram incoerentes com a realidade que estávamos encaixados, tanto na maneira de pensar quanto para a realidade social e econômica brasileira.

Tendo em vista a série estereótipos dados à geração Millennial e percebendo que diversas delas estavam relacionadas ao comportamento dentro do trabalho, ao pesquisarmos por mais dados de mercado encontramos uma série de problemas que o Brasil vinha enfrentando neste âmbito nos últimos anos. Altas taxas de desemprego, jovens com dificuldades de inserção no mercado, mesmo os com qualificação técnica, e uma avalanche de mudanças em estilos e possibilidades de empregos proveniente da transformação digital e do fortalecimento de gigantes da tecnologia. Como essas duas questões — a geração e as mudanças do mercado — se correlacionam foi o que nos interessou.

Durante o primeiro semestre de 2019, a Marina foi fazer intercâmbio para a cidade de Sevilha, na Espanha, quando decidimos retardar a produção do trabalho, planejando finalizá-lo durante o segundo semestre deste ano. Ao retomarmos os trabalhos no mês de agosto de 2019, nos deparamos com outras questões que gostaríamos de discutir: os empregos informais, a quantidade de jovens trabalhando como pessoa jurídica, a situação das mulher e da população negra no mercado de

trabalho, as relações de estágio, empresas de tecnologia, dentre uma variedade de outras questões, gerando incertezas e inseguranças com relação ao tratamento que daremos ao assunto, temendo excluir do debate temas importantes e efervescentes na sociedade e, ao mesmo tempo, tentando construindo uma narrativa sólida e bem definida.

Após uma conversa com o orientador do trabalho, professor Samuel Lima, com o professor da disciplina de Projetos Experimentais, Fernando Crocomo, e com as duas primeiras fontes com as quais marcamos entrevistas — uma com o professor e pesquisador da área de engenharia e tecnologia Celson Pantoja Lima e outra com o professor e pesquisador da área de sociologia Jacques Mick — fomos capazes de delimitar melhor o assunto e definir o tratamento e linguagem que queríamos dar ao trabalho. Apesar disso, uma ideia permaneceu imutável desde o início do desenho do projeto: a necessidade de tratar sobre a temática de maneira mais humanizada, buscando diferentes retratos e possibilidades dentro dessa massa heterogênea de juventude presente em nosso país. Sempre tivemos o desejo de contar histórias de vida, mesmo que pareçam ordinárias ou comuns, por termos a certeza de que cada pessoa tem uma visão única sobre a realidade e sobre o mundo.

4.2 Apuração/Gravações

Buscando contar essas histórias, definimos diferentes pilares onde nos baseamos, também, no conceito de interseccionalidade — ideia que sobrepõe e articula questões envolvendo raça, gênero e classe. Assim começamos a busca por histórias e pessoas diferentes uma das outras que se encaixassem entre as diversas ideias e possibilidades que gostaríamos de abordar. Inicialmente dividimos entre as seguintes perspectivas: jovem que trabalha com algum tipo de emprego informal; jovem que precisa trabalhar para poder se manter na universidade; jovem que largou a universidade por não encontrar trabalho na área que buscava atuar ou que, por questões financeiras, não pode se manter ali; jovem que trabalha em alguma empresa de tecnologia ou *startup*; e jovem já formado que necessita de algum tipo de emprego informal para se manter pois não ter encontrado trabalho em sua área.

Após definirmos essas questões, iniciamos as gravações com pessoas que consideramos especialistas no assunto — dentre eles, pesquisadores, estudiosos e professores da área do trabalho, educação e psicologia. Ao todo foram 7 entrevistas realizadas nesse momento do trabalho, que citaremos com detalhes posteriormente. Além disso, iniciamos uma busca por histórias que representassem toda essa bagagem teórica que tínhamos acumulado, buscando novamente fugir da linguagem acadêmica e das estatísticas dentro do produto final. Com ajuda de amigos, algumas indicações e um pouco de sorte de jornalista, encontramos jovens com quem conversamos.

Tendo esses perfis em mente, junto a toda a teoria que estudamos e os dados que juntamos ao longo de 10 meses, encontramos alguns denominadores comuns que gostaríamos de descobrir durante as entrevistas. Tínhamos claro que não conversaríamos com os jovens sobre os números que conhecíamos, então buscamos entender a vida e rotina de cada um, partindo do mesmo lugar: com o que trabalhavam e qual a ideia de futuro de cada um tinha. O João Vitor — primeiro a aparecer no documentário —, encontramos na rua, em frente ao Beira-mar Shopping, porque fazia Rappi. O José Carlos porque havia desistido da ideia de trabalhar com computação e informática para seguir o sonho na culinária. Álisson porque já teve que trabalhar com aplicativos e na informalidade para se manter na universidade. E Vitorí porque destoava na crença da educação “tradicional” e se inseriu, desde muito cedo, no mundo da tecnologia, das *startups* e do empreendedorismo.

Antes de chegar a esses quatro perfis de jovens escolhidos para o documentário, buscamos diversas outras pessoas e possibilidades, tentando alcançar o máximo de diversidade possível, já que tínhamos em mente que a sociedade era mais heterogênea do que sugeria os conceitos da geração. Encontramos Jaqueline, jovem de 25 anos formada em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) que, mesmo aprovada no exame da Ordem não encontrava mercado para trabalhar. Marina a conheceu enquanto fazia uma viagem de Bla-Bla-Car, aplicativo de caronas intermunicipais que utilizava para complementar sua renda, ajudar em casa e pagar o financiamento da Universidade. Jaqueline topou dar entrevista, mas depois de alguns dias nos avisou que estava ocupada demais e desistiu de gravar conosco.

Conseguimos contato, também, com coordenadoras do Projeto Integrar — curso pré-vestibular social e gratuito — realizado no Instituto Estadual de Educação

(IEE) em Florianópolis. Tiramos uma noite para conhecer o cursinho e os alunos e conseguimos um espaço entre uma aula e outra para conversar com os estudantes sobre nosso trabalho, na busca de alguém que topasse uma entrevista conosco. Conversamos com eles por cerca de 15 minutos sobre o conceito de Millennials, a questão do mercado de trabalho e o que buscávamos com nosso documentário. Sentimos as duas turmas que nos escutaram bastante interessadas com o assunto e expressões que pareciam de indignação e inconformidade ao citarmos dados como o de jovens desempregados, por exemplo. Deixamos nossos contatos e tivemos uma resposta. Luma, 17 anos, nos enviou uma mensagem, marcamos a entrevista, fomos ao local indicado e 30 minutos antes da gravação ela desistiu de falar conosco, depois não retornou nossas mensagens.

Ao longo dos meses encontramos outras histórias e buscamos mais pessoas que pudessem agregar ao debate e foi quando nos batemos com um grande empecilho que era o de que as pessoas não queriam falar sobre o assunto. As ideias de mercado de trabalho, número de desocupados, trabalhos informais e universidade pareciam bastante claras para todos, mas quando era momento de falar de sua realidade pessoal, onde essa pessoa se encontrava dentro desse determinado contexto, a sensação de incômodo foi aparente em diversas das vezes. Algumas, acreditamos que era pela falta de reflexão sobre o tema, mas muitas outras chegavam à questão que era: as pessoas com trabalhos informais em diversos momentos não se sentiam confortáveis em falar sobre seus trabalhos informais, a maior resistência veio principalmente de pessoas com algum tipo de graduação.

A rotina de gravações foi um pouco conturbada pela falta de horários disponíveis em nossos cotidianos. Nós dois trabalhamos mais de 30 horas semanais e dividimos o horário que restava na semana com aulas de outras disciplinas e produção deste trabalho de conclusão de curso. Nem sempre era possível chegar até a UFSC para empréstimo de materiais, então utilizamos os que possuímos conosco mais facilmente. Uma lapela e um tripé emprestados de uma colega jornalista; uma câmera Nikon D5600, uma objetiva 18-55mm e um estabilizador de câmera Steadicam S60 do Bruno; nossos celulares, um Samsung Galaxy S9 e um iPhone 8, usados para algumas imagens de cobertura. Para duas entrevistas, conseguimos outra câmera

emprestada de um amigo, uma câmera Canon EOS T5i e outra objetiva 18-55mm, e com elas fizemos imagens de cobertura ou entrevistas caminhando e em pé.

Tivemos inúmeras complicações durante as gravações, uma delas o som. A maioria das entrevistas fizemos em ambientes com barulho ou ao ar livre e a lapela, sendo um microfone bastante sensível, captava todos esses ruídos ao redor. Carros, vento e pássaros, principalmente. Tentamos solucionar essas questões durante a edição, que foi uma etapa bastante longa do processo. Ao finalizarmos todas as gravações, diversas vezes tivemos que voltar à decupagem para encontrar uma maneira de unir cada uma das histórias com a narrativa que construímos.

4.2.1 Fontes

Conforme citado anteriormente, tivemos 7 entrevistas iniciais com fontes especializadas e, a partir disso, buscamos e fechamos nossos perfis com outros 4 jovens, além de conversas com outros 4 que não quiseram gravar, totalizando 15 entrevistas realizadas e 7 delas entraram na versão final do documentário. Primeiramente conhecemos o professor e pesquisador Celson Pantoja Lima (UFOPA) e dele buscamos entender a relação do jovem e do mercado com a tecnologia. Celson Lima atualmente coordena o projeto de implantação dos cursos de Engenharia do SENAI/SC e é professor associado do programa de Computação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Conversando com ele foi que definimos melhor a linha pela qual seguimos com as outras entrevistas e qual seria nosso ponto focal.

Depois disso, nossa primeira gravação fizemos com o professor e sociólogo Jacques Mick. O pesquisador estuda a sociologia do trabalho e com ele conversamos bastante sobre conceitos a respeito de precarização, mundo do trabalho. Durante a entrevista com Jacques, tivemos várias ideias de diferentes pessoas que gostaríamos de procurar, foi com ele que conseguimos contato com nossa próxima entrevistada, Thamires de Lazzari, uma das coordenadoras do curso pré-vestibular no IEE. Com Thamires não gravamos. Conversamos sobre a temática do nosso tcc e sobre a nossa dificuldade de falar sobre somente um assunto dentro de nosso recorte. Thamires, estudante e pesquisadora na UFSC na área de educação, nos trouxe mais profundamente a questão do ensino versus universidade e a relação que eles possuíam

com jovens de baixa renda. Através dela conseguimos esse espaço durante as aulas para conversar sobre nossa temática com os estudantes do cursinho.

Célia Regina Vendramini e Adriana D'Agostini fazem parte do núcleo de pesquisa na Universidade Federal de Santa Catarina que fala sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT). Com elas buscamos entender o que estava acontecendo com o mercado brasileiro, com a relação do jovem com o mercado que encontrava, questões históricas e teóricas sobre mercado de trabalho e modelos de governo. Além de encontrarmos nessas entrevistas elucidações muito necessárias sobre o assunto, conseguimos definir ainda melhor o precisaríamos buscar em em nossos perfis de jovens. Fechando essa semana de entrevistas, conversamos e gravamos também com Valéria De Bettio, do departamento de psicologia da UFSC e pesquisadora e professora de psicologia do trabalho. Com ela debatemos a questão do que as excessivas horas de trabalho poderiam fazer com a saúde mental da pessoa, os assuntos de frustração e esperança que o jovem poderia ter nessa fase da vida.

Nosso melhor acaso foi João Vitor de Souza. Em um final de semana saímos pelo Centro de Florianópolis para gravar imagens de cobertura buscando por tudo que nos remetesse à aplicativos e trabalhos relacionados a eles. Perto do centro comercial Shopping Beira-mar, encontramos João saindo do seu turno de trabalho de uma loja do local, colocando sua mochila de rappi e indo em direção à sua bicicleta e uma amiga que o esperava. Decidimos ir até eles para conversar um pouco, nos apresentar e contar sobre o que estávamos pesquisando. João logo de cara se interessou pelo assunto e topou muito fácil nos ceder uma entrevista, que decidimos fazer durante aquele dia mesmo. Entretanto, uma vida de jornalista não é tão fácil assim, e a bicicleta da amiga de João havia sido roubada pouco antes de começarmos as gravações. Paramos tudo, ajudamos a encontrar a equipe de segurança do shopping, mas nada da bicicleta. Foi um episódio um pouco tragicômico, porque temos tudo em câmera, desde o início da conversa, até quando os dois se dão conta do que havia acontecido, quando paramos de gravar.

Gostamos muito do perfil de João e pedimos para gravar com ele outro dia, ele topou. Na semana seguinte encontramos com o jovem no mesmo local onde o conhecemos, gravamos uma entrevista bastante longa e interessante, enquanto ele com o aplicativo da Rappi ligado esperava por uma chamada de serviço. Por

coincidência - e um pouco da sorte que nos faltou no dia do roubo - logo após fecharmos os tripés e decidir sair caminhando um pouco com ele, João recebeu uma chamada de pedido que conseguimos gravar e entrou para a reportagem. João até hoje nos envia fotos, pelo whatsapp, dos locais onde está trabalhando e de como o lugar está cheio de pessoas trabalhando com Rappi, UberEats e outras diversas formas de trabalhos com a bicicleta.

Nosso próximo perfil foi com Álisson Carlos da Silva, gaúcho estudante de engenharia elétrica na UFSC. Nós o conhecemos através da indicação de uma amiga que nos disse que sabia de um menino que já havia trabalhado com serviços de aplicativos durante o verão para fazer uma renda extra. Primeiramente nos encontramos pessoalmente com Álisson para entender sua história e o que ele fazia hoje em dia. A história de jovem nos contou que ele saiu do Rio Grande do Sul onde morava com a família para tentar a vida na universidade pública. Foi chamado para cursar após ser aprovado pelo SISU, inicialmente morou de favor com o irmão e alguns amigos, trabalhou com rappi e fez serviços diversos para conseguir se manter na cidade. Hoje em dia faz estágio na área em que estuda e recebe Bolsa Permanência através de um pedido feito na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da UFSC. Álisson é muito crente de que a universidade pública o ajudará a encontrar um melhor caminho no mercado de trabalho no futuro. Seu sonho é poder ter dinheiro para viajar e ele acredita que nossa geração pode (e já está) mudando a maneira de pensar do mundo a respeito de certas questões, como as ambientais, por exemplo.

Depois da entrevista desmarcada de última hora com Luma — a menina do curso pré-vestibular no IEE — fomos em busca de outra pessoa que fizesse algum tipo de cursinho popular ou comunitário buscando entrar na universidade pública. Foi quando encontramos José Carlos Cardoso. Através da indicação de outra amiga, já formada jornalista, conhecemos José e marcamos a gravação com ele ainda na mesma semana que o contatamos pela primeira vez. José mora no sul da ilha em Florianópolis desde criança e ao sair do ensino médio, ingressou no Instituto Federal de Educação de Santa Catarina (IFSC) onde estudou Informática. Desistiu da área por não encontrar emprego na área que ele gostava de atuar dentro do mundo da tecnologia. José nos conta que seu pai, aposentado por invalidez, e sua mãe trabalhavam com buffet e produção de pães, doces e salgados. José pegou gosto pela

coisa, largou a informática e agora, além de trabalhar como terceirizado, fazia cursinho popular almejando fazer gastronomia. Seu sonho é ter uma rede de restaurantes com a temática medieval - José é fã de jogos de RPG de mesa.

Por fim, nosso último perfil foi com Vitória Helena Senger Barreiros da Silva, ou só Vitorí, como ela prefere ser chamada. Vitorí trabalha em uma empresa de tecnologia que desenvolve *softwares* jurídicos. A entrevista com ela, assim como a de João, foi bastante marcante e longa. Mas diferente dos outros três, ela era a mais consciente sobre o assunto do qual propomos tratar, também porque ela se interessa e escreve sobre a temática, tem opiniões bastante formadas sobre conceitos como Millennials e mercado de trabalho brasileiro.

Quase ao final do trabalho, sentimos falta de conversar com alguém sobre todos os dados de desemprego e mercado que tínhamos em mãos, recolhidos no IBGE, Pnad contínua, Ipea e reportagens de jornais que acompanhamos — como Estadão e Folha de São Paulo. Foi quando realizamos nossa última entrevista com José Álvaro Cardoso, supervisor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) a respeito de todos esses números e termos como “desocupados” “desalentados” e “ocupados”, usados nos resultados das pesquisas que analisamos.

4.2.2 Estrutura Narrativa

Mantendo como premissa o viés experimental de um projeto de conclusão de curso, a construção narrativa que guiou o documentário cruzou relatos dos personagens — que representaram as diferentes realidades sociais e perspectivas de vida encontradas dentro da geração dos Millennials — com os dados e teóricos que são o suporte que embasam a premissa proposta neste documentário.

No primeiro momento do vídeo, relatos rápidos dos jovens e a apresentação do termo Millennial, que ao longo do trabalho é citado e significado. Os jovens nos contam sobre suas perspectivas com relação ao mercado de trabalho, suas realidades econômico sociais e sonhos com o futuro. Intercalado a isso, trouxemos pesquisadores(as) do assunto para contrapor e explicar algumas das questões observadas durante a entrevista com os perfis. As entrevistas com esses

pesquisadores, reforçam a ideia sobre as mudanças no mercado de trabalho e mudança no perfil dos trabalhadores.

O terceiro momento do vídeo documentário trata um pouco sobre a temática sobre o viés de gênero e raça, com os depoimentos de Vitorí. A jovem questiona bastante o termo Millennial e se mostra bastante consciência a respeito de sua posição no mercado, porém com várias coisas em comum com os três jovens anteriores. A pretensão é que, com isso, possamos causar um efeito união no enredo, direcionando a narrativa para os questionamentos que gostaríamos de trazer com o trabalho, por fim, fechando com alguns dos dados que recolhemos ao longo de toda a pesquisa, amarrando tudo o que já foi questionado anteriormente. A intenção é trazer o assunto para debate, não propor únicas verdades.

Tivemos um cuidado especial com a captação das imagens e áudio, e, buscamos com a edição melhorar tudo o que falhamos durante as captações. Decidimos não utilizar do recurso “off” e nem de “passagem”, aprendidos dentro do curso de jornalismo, por considerarmos que não havia necessidade. A não utilização do off, foi uma escolha de estilo, pois queríamos mais que os entrevistados conversassem e discutissem entre si e não necessariamente conosco. Para trazer a ideia de repórter, nos colocamos diversas vezes perguntando e aparecendo na reportagem, para trazer a ideia de que acompanhamos a vida daquelas pessoas por algum momento de nossos dias.

4.3 EDIÇÃO/FINALIZAÇÃO

O vídeo documentário foi produzido em Full HD, nos formatos HDV e AVI, com resolução de 1920x1080 pixels e 30 quadros por segundo, por câmeras Digital Single-lens Reflex (DSLR). A edição foi outro grande desafio ao longo do processo de produção do documentário, trabalhos com o programa Premiere em um computador MacBook Air 13" Intel Core i5 128GB SSD. As decupagens foram feitas com um computador LG Gram i7, também utilizado para edição de alguns áudios do documentário.

Nosso maior desafio nesse momento foi a dúvida de como montar e intercalar todas as entrevistas que decidimos utilizar ao longo da reportagem de modo que elas fizessem sentido e conversassem entre si. Decidimos também por utilizar transições

com som ambiente e pouca trilha ao longo do trabalho, somente em dois momentos para abertura e finalização.

Nós mesmos fizemos a finalização, mesmo com certas limitações técnicas, buscamos encontrar todos os detalhes que poderiam passar despercebidos, buscando ajuda com alguns amigos que entendiam melhor do assunto.

5. RECURSOS

Todos os recursos foram pessoais ou emprestados de terceiros, sem apoio ou parceria de uma instituição:

- 1 câmera Nikon D5700
- 1 câmera Canon T5i
- 1 lente Nikon 18-55mm
- 1 lente Canon 18-55mm
- 2 cartões de memória SanDisk de 32GB
- 1 Estabilizador Gimbal Feiyutech A2000
- 1 Tripé Digipod TR 450
- 1 MacBook Air 13" Intel i5
- 1 Notebook LG AIR Intel i7
- 1 HD externo Touro 1TB

Nossos maiores gastos foram com gasolina e passagens de ônibus dentro da cidade de Florianópolis para chegarmos de uma entrevista a outra, do trabalho/faculdade até as entrevistas, com um gasto total em torno de R\$ 600,00 nesse caso.

6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Todo esse trabalho foi um grande desafio para ser realizado, por inúmeras questões. Quando decidimos pela temática, em 2018, sabíamos que iríamos encontrar pela frente um debate turbulento a respeito de uma temática que esteve bastante em pauta em 2019, devido à mudanças no governo, disputas políticas e dificuldades

dentro do mercado de trabalho. Estudando e lendo cada vez mais sobre a temática, vivenciado na pele o que eram duplas e triplas jornadas, e convivendo com isso em nosso dia-a-dia, em alguns momentos o tema passava a parar de fazer sentido, ficar óbvio demais. Aí ficou um de nossos maiores medos com o documentário, que era de não conseguir passar a ideia que buscamos construir, por estarmos com o olhar “viciado” no tema.

As jornadas de trabalho, faculdade e compromissos que nós dois enfrentamos neste semestre de produção foi também um grande desafio. Muitas vezes nos faltava tempo para dar a atenção necessária ao trabalho, por falta de horas disponíveis ou pelo cansaço. A maioria das vezes em que nossos horários em comum eram disponíveis, era durante a noite, quando nos encontramos para decupagem, edição, e produção de tudo. As entrevistas, alternamos entre o Bruno ter o horário livre e a Marina ter o horário livre, para não somente um de nós precisar faltar no trabalho ou em aulas para realizá-las.

Durante a produção, uma grande dificuldade já citada foi a de pessoas que não queriam falar sobre o assunto. Nos impressionamos com a resistência que tivemos de jovens em falarem sobre o assunto, pois não esperávamos que encontraríamos tanto com esse problema. Além disso, ao depararmos com uma série de dados que variam muito entre um mês e outro, ou um trimestre e outro, manter a linguagem do documentário atualizado sempre foi uma preocupação.

Temos consciência de que se tivéssemos mais experiências técnica e teórica sobre documentários, produção e edição de vídeo poderíamos ter produzido um produto de qualidade muito melhor. Problemas com áudio, questões de edição - cor e saturação de imagem -, melhor controle dos equipamentos e conhecimento teórico sobre roteiro. Ao longo curso de jornalismo participamos de diversos projetos de extensão que nos proporcionaram aprender muito sobre tais assuntos, apesar disso, uma grande produção como essa nunca tinha caído em nossas mãos dessa maneira.

Assumimos nossos erros durante toda a produção desse documentário. Sabemos que algumas questões passaram despercebidas e temos dúvidas se todas as nossas escolhas foram satisfatórias ou corretas. Apesar disso, estamos satisfeitos em entregar um trabalho que nos engrandeceu tanto. Todos os aprendizados e contatos que tivemos com a temática nos trouxe a certeza de que o curso de Jornalismo da

Universidade Federal está nos formando jornalistas mais sensíveis a questões que as vezes passam despercebidas. Encerramos nossos quatro anos e meio de graduação com a certeza de que o ensino público, gratuito e de qualidade pode mudar vidas, que o jornalismo pode e precisa contar histórias de pessoas e para pessoas e de que, em meio a dificuldades, temos nos colegas de profissão e de vida a esperança necessária para seguir acreditando em nossos sonhos que carregamos desde primeiro dia de graduação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M G); LIMA, F; PINHEIRO, L; RODRIGUEZ, E. **Políticas Públicas, de/para/com Juventudes**. UNESCO, Brasília, 2004.

ALCURE, Lenira. **Telejornalismo em 12 lições**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

BARBEIRO, Paulo Rodolfo de Lima e Heródoto. **Manual de telejornalismo – os segredos da notícia na tv**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção**. São Paulo: Galáxia, 2007.

BRANCO, Viviane F. Castello. **A Gestão da Geração Y Nas Organizações**. 2013.

CODEÇO, Paulo Vitor. **Gerações X e Y e seus perfis motivacionais**. 2014.

GROPPO, Luís Antônio. “**A Juventude como Categoria Social**”, **Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, p. 7-27.

HOWE, Neil e STRAUSS, William. **Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069**. Paperback – September 30, 1992

LANCASTER, Lynne C. e STILLMAN, David. **O Y da Questão: Como a Geração Y Está Transformando o Mercado de Trabalho**. Editora Saraiva , 2011.

MARGULIS, M. Y URRESTI M (Org.). **La juventudes mas que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Ayres, Editorial Biblos, 1996.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y. Ser Potencial ou Ser Talento? Faça por Merecer**. 2015.

OLIVEIRA, Sidnei. **Profissões do Futuro - Você Está No Jogo?** - Editora Integrare, 2015.

EL PAÍS BRASIL - A cara oculta dos Millennials: inseguros e viciados em trabalho.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/05/economia/1491401697_499027.html>

HUFFPOST BRASIL - A dor e a delícia de ser Millennial. Disponível em:

<https://www.huffpostbrasil.com/jennifer-queen/a-dor-e-a-delicia-de-ser-millennial_a_21690655/>

EL PAÍS BRASIL - A geração que desbanca os ‘millennials’. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/19/internacional/1534683555_936952.html>

DELOITTE - Geração Millennial valoriza mais o propósito do negócio do que o lucro.

Disponível em:

<<https://www2.deloitte.com/pt/pt/pages/human-capital/articles/geracao-millennial.html>>

NEXO JORNAL - 5 Livros para pensar sobre como chegamos até aqui. Disponível em:
<<https://www.nexojornal.com.br/estante/favoritos/2018/5-livros-para-pensar-sobre-como-chegamos-at%C3%A9-aqui-em-2018>>

PORTAL G1 - Os jovens sem oportunidades de trabalho e estudo que serão desafio para próximo presidente. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2018/10/06/os-jovens-sem-opportunidades-de-trabalho-e-estudo-que-serao-desafio-para-proximo-presidente.ghtml>>

TEDxFORTALEZA - Muito além das gerações | Sidnei Oliveira. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=zwbRtLXWqR4>>

O GLOBO - Millennials: entenda a geração que mudou a forma de consumir. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/economia/millennials-entenda-geracao-que-mudou-forma-de-consumir-23073519>>

IPEA - Carta de Conjuntura Ipea. Disponível em:
<<http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>>

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE - PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 11,6%. Disponível em:
<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26119-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-11-6-e-taxa-de-subutilizacao-e-23-8-no-trimestre-encerrado-em-outubro-de-2019>>

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE - Desemprego cai para 11,8% com informalidade atingindo maior nível da série histórica. Disponível em:
<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25534-desemprego-cai-para-11-8-com-informalidade-atingindo-maior-nivel-da-serie-historica>>

IBGE - Agência de notícias do IBGE. Disponível em:
<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>>

ANEXO 1

ROTEIRO

CENA	TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO	LETTERING, ARTE OU GC	DESCRIÇÃO DE CENA
1	SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Um jovem Millennial?		Interposição de cenas curtas e rápidas com sonoras dos jovens entrevistados discutindo os conceitos e o que significa a geração Millennial.
2	SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Um jovem milênio?		
3	SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO É o jovem que nasceu a partir dos anos 2000, no caso?		
4	SONORA - VITORÍ BARREIROS São as pessoas que já tiveram o impacto da tecnologia a partir do nascimento. Que já estão imersos em uma cultura que já tem o impacto da tecnologia		
5	SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA Eu acho que é talvez um jovem que precisa se adaptar muito rápido às mudanças da vida, com as mudanças do mundo de trabalho.		
6	SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Dizem que é o jovem Millennial hoje em dia ele tá mais ligado à internet, não sai da internet, tá sempre com o celular na mão.		
7	SONORA - VITORÍ BARREIROS Pra mim essas são as pessoas		

	Millennials, essas pessoas que já cresceram com essa cultura que vem impactando diretamente a forma de se relacionar.		
8	REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO Tu te consideras um jovem Millennial? SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Não.		
9	SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA Ah, eu acho que sim.		
10	SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Cara, se eu me considero? Eu não sou muito de tecnologia, mas eu sou bem "desapegado" assim.		
11	SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA Meu nome é Alisson Carlos da Silva e eu tenho 22 anos.		
12	SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA É João e eu tenho 22.		
13	SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Eu sou José Carlos Cavali Cardoso e eu tenho 23 anos.		
14	SONORA - VITORÍ BARREIROS O meu nome completo, de verdade, é Vitória Helena Senger Barreiros da Silva, mas me chamam de Vitorí por causa de uma brincadeirinha no Facebook que eu fiz com meu nome e acabou ficando por isso e eu adoro, eu tenho 20 anos, vou		Cada um dos jovens se apresenta, falando seu nome e sua idade. Começa a cena com um entrevistado em plano médio. Tela é dividida verticalmente ao meio com entrada de outro entrevistado. Em seguida, a tela é dividida mais uma vez, desta vez no sentido horizontal, com a entrada do terceiro e quarto entrevistado na parte inferior da tela.

	fazer 21 agora dia 24 de novembro, sou sagitariana. SOBE BG - APM_Adobe_Going_Home		
15	SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Eu busco mais amizade, sentar com meus amigos, sentar com meus pais, conversar, pegar um livro e ler.		Após a apresentação, cada um dos jovens fala algo que representa sua personalidade, combinando com alguns dos conceitos de Millennials, como sonhadores ou desapegados. A cena mostra cada um dos jovens caminhando em câmera lenta, sincronizada com suas falas e com a batida da trilha sonora.
16	SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Eu acho que existe maneiras de enriquecer que muita das vezes são por caminhos que pagam menos.		
17	SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA Acho que um grande sonho é poder viajar e poder conhecer as pessoas, conhecer lugares diferentes.		
18	 DESCE BG	Millennials Invisíveis: onde está essa geração no mercado de trabalho?	Um jovem utilizando o computador. A cena é desfocada para entrada da vinheta de abertura com o título do videodocumentário.

19	<p>REPÓRTER - BRUNO ROSA RAMOS Tu <i>aceitou</i>?</p> <p>SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Ali no Saladices, na Altamiro Guimarães.</p> <p>Você viu? Eu tô desde às 16h com a Rappi ligada. A Rappi paga melhor? Paga melhor, mas não chama. Aí eu liguei o iFood um pouquinho...</p> <p>REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO Chamou.</p> <p>REPÓRTER - BRUNO ROSA RAMOS Esse é iFood, João?</p> <p>SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Esse é iFood. o iFood chama mais porque a taxa é menor, então as pessoas tendem a querer mais do iFood, tá ligado?</p> <p>Tem o Ricky e Morty na minha <i>bag</i>.</p>	<p>Legendas com falas do entrevistado</p> <p>Legenda com fala e pergunta dos repórteres.</p>	<p>Introdução do primeiro entrevistado, João Vitor de Souza, em um momento de trabalho. Cena com os repórteres acompanhando o entrevistado em movimento.</p>
20	<p>SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Então, a Rappi entrou na minha vida quando eu cheguei aqui em Floripa, aí eu consegui um emprego numa loja de tênis, fiquei um pouco lá e logo saí. Aí eu via as pessoas andando de bicicleta aqui, e numa necessidade de sobreviver eu baixei o aplicativo e decidi trabalhar na Rappi na rua,</p>	<p>João Vitor de Souza Vendedor e entregador da Rappi</p>	

	<p>O que acontece: essa modalidade de emprego, principalmente falando de bicicleta, ele vem associado com uma propriedade que é o exercício físico, cara. Então tipo, eu comecei como necessidade, mas chegou um momento onde aquilo se tornou um vício: o vício de andar de bicicleta, de fazer um exercício, entendeu? Então eu não me incomodo até porque é uma coisa que eu gosto, é um hobby remunerado, entendeu? Lógico que eu fui perceber que era um hobby remunerado no meio do caminho já.</p>		
21	<p>SONORA - VALÉRIA DE BETTIO MATTOS Quando a gente pensa no uso da tecnologia, a ideia de tempo para o trabalho e tempo para não-trabalho ela se dilui. Quando eu consigo perceber que o trabalho que eu faço me traz como retorno prazer, a relação que se estabelece ali faz com que eu ache que responder um e-mail ao final de semana é normal, é natural, ou que estar trabalhando 15 horas porque eu estou ali imerso em um projeto de uma coisa super bacana, não me causa dano</p>	<p>Valéria de Bettio Mattos Psicóloga do Trabalho</p>	<p>Entrevistada em plano fechado, sobre a relação da tecnologia e trabalho.</p>
22	<p>SONORA - CÉLIA REGINA VENDRAMINI No entorno deste, você tem uma série de trabalhadores, e muitos deles jovens, que têm as piores condições de trabalho, que estão na informalidade, que não têm direito trabalhista nenhum, que não tem um contrato seguro, que estão vulneráveis no mercado de trabalho, né?</p>	<p>Célia Regina Vendramini Doutora em Educação</p>	<p>Entrevistada em plano médio comentando sobre a precarização do trabalho.</p>

23	<p>REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO Tu não acha que trazendo o teu trabalho pra dentro do teu lazer, você acaba confundindo um pouco as coisas? O que é teu trabalho laboral, qual é o seu momento de trabalho e qual o momento do João estar tranquilo fazendo o que ele gosta?</p> <p>SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Se tem uma... tá. Não, cara. Não. Não sei, eu preciso pensar nessa situação. Se me incomoda o meu tempo de lazer ser para trabalho? Não cara, pior que não, sabe? Porque assim, o tempo que você tá trabalhando na Rappi é um tempo.. Por exemplo, eu gosto de bike, é um tempo onde eu tô trabalhando na Beira-mar, eu tô trabalhando vendo o dia. Eu saio de casa, passo em uma quitanda, compro uma fruta e vou para a praça comer uma fruta e esperar uma corrida chegar. Então na verdade eu acho que é até muito prazeroso fazer o que você gosta, sabe? E fazer porque você gosta. Porque daí o dinheiro vai ser uma consequência daquilo. Por isso que eu acho que trabalhar assim é uma coisa que é genial, sabe? É muito bacana porque você consegue juntar necessidade com lazer, e se exercitar. E ainda ter tempo para fazer outras coisas.</p> <p>REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO Quantas horas tu trabalhas por dia, mais ou menos?</p> <p>SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Ah, quando eu estava só na</p>	<p>Legenda com a pergunta da repórter.</p>	<p>Entrevistado em plano fechado. Voz do repórter ao fundo. Entrevistado contrapõe ideia das duas especialistas que aparecem anteriormente.</p>
----	---	--	---

	<p>bicicleta eu trabalhava 12, 14, 15 horas. Começava as 11h da manhã e voltada às 2h da manhã do outro dia, sabe?</p>		
24	<p>REPÓRTER - BRUNO ROSA RAMOS Tu já <i>sofreu</i> algum acidente?</p> <p>SONORA - JOÃO VITOR DE SOUZA Ah, vários! Já bati na porta de um caminhão de lixo aqui do lado. Os caras pararam entre a rua e calçada, no meio da ciclovia, eu estava passando por dentro e a mulher abriu a porta. Tirando carro que entra na ciclovia sem dar sinal. Aí você bate. É toda uma situação.</p>	<p>Legenda com a pergunta do repórter.</p>	<p>Cena dinâmica, com repórter cinematográfico acompanhando a movimentação do entrevistado.</p>
25	<p>SONORA - ADRIANA D'AGOSTINI E a juventude então fica aí bastante perdida né? A gente diz que a juventude ela está suspensa, né? Porque ela não tem possibilidade de ter acesso aos empregos, os empregos são geralmente simples e diferentes formas de contratação que só vão lhe permitir sobrevivência. Portanto, o sonho com o futuro e com essas questões ficam em suspenso por enquanto.</p>	<p>Adriana D'agostini Pesquisadora do Núcleo de Transformações no Mundo do Trabalho</p>	<p>Entrada com plano em detalhe das mãos da entrevistada. Corta para entrevistada em plano médio.</p>
26	<p>SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA Primeiro eu pretendo me formar, eu acho. Depois eu pretendo fazer um mestrado, talvez. Pretendo dar continuidade ao estudo, mas não pretendo seguir a carreira acadêmica. E, não sei. Eu gostaria muito de viajar para outros lugares. Eu nunca saí do Brasil, nunca viajei. Mesmo no</p>	<p>Álison Carlos da Silva Estudante de Engenharia Elétrica</p>	<p>Cena de transição para o entrevistado com o mesmo caminhando em direção a Biblioteca Universitária. Corta para entrevistado em plano fechado falando sobre seus planos e sonhos.</p>

	<p>Brasil eu não conheço nada. Eu conheço um pouquinho do Rio Grande do Sul, um pouquinho de Santa Catarina e uma vez eu fui para o Paraná só.</p>		
27	<p>SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO</p> <p>Eu quero ter um restaurante. Por ler, eu gosto bastante de fantasia e eu sonho em ter um restaurante, mas não um restaurante normal. Eu quero ter uma taverna. Uma taverna medieval, que seja bem imersiva Eu e mais uns amigos que também estão fazendo gastronomia.</p> <p>Eu iniciei o IFSC em 2015 de técnico de informática, e nos dois últimos anos eu comecei a fazer estágio no HU. Eu recebia um pouco abaixo do salário mínimo, mas por morar com meus pais eu conseguia me manter. Eu ajudava em casa com metade, e com a outra metade eu conseguia dar minhas voltas, fazer alguma coisa e sobrava algum dinheiro.</p>	<p>José Carlos Cardoso Estudante de Pré-Vestibular</p>	<p>Cena é dividida ao meio para entrada do terceiro personagem, também falando sobre seus sonhos. Após isso, entrevistado fala sobre trabalho e situação financeira.</p>
28	<p>SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA</p> <p>Na verdade eu comecei a trabalhar com 14 anos com o meu pai. Meu pai é eletricitista. Depois disso fui trabalhar em uma oficina de conserto de motores elétricos, foi onde fiz o estágio do curso técnico. Eu trabalhei 6 meses nessa oficina, daí eu me formei e vim para cá já.</p> <p>Inicialmente eu não tinha renda nenhuma. Meu pai sempre pagava metade do meu aluguel. Eu morava junto com meu irmão, meu pai pagava a minha metade</p>		<p>Entrevistado também fala sobre trabalho e situação financeira.</p>

	<p>e meu irmão pagava a metade dele. Mas era basicamente isso, sabe? Meu pai pagava o aluguel mas eu não tinha um dinheiro que eu pudesse fazer as coisas que eu queria. Era basicamente jantar no RU, comer no RU e era isso a vida, sabe? Era casa, universidade, universidade e casa.</p> <p>REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO E quando isso começou a mudar?</p> <p>SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA Isso começou a mudar quando eu fiz um cadastro ali na PRAE e consegui ganhar uma das bolsas, que é a bolsa de auxílio moradia. Com essa bolsa que era na época, ainda hoje é R\$ 250. Aí ainda assim meu pai continuava me ajudando com aluguel mas agora pelo menos eu tinha esse pouquinho para gastar no mês sabe? Isso era um dinheirinho que eu tinha para eu gastar.</p>	<p>Legenda com a pergunta da repórter.</p>	
29	<p>SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Hoje em dia eu estou trabalhando aqui e estou estudando para fazer gastronomia, que é o que eu quero fazer. Eu já cresci no meio, minha mãe é doceira e padeira, meu pai é chefe.</p>		<p>Entrevistado em plano médio, falando sobre estudo.</p>
30	<p>SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA Eu tenho aula todo dia às 8h da manhã. E alguns dias 7h30. Então eu saio de casa de manhã essa hora mais ou menos. Aí geralmente eu vou para a aula, almoço, vou para o estágio. De noite eu geralmente fico</p>		<p>Cena de transição com entrevistado saindo para a aula. Corta para entrevistado em plano fechado falando sobre sua rotina de estudo e trabalho.</p>

	<p>estudando, porque é o único horário que eu tenho para estudar, né? Então eu saio de casa umas 8h da manhã e volto basicamente 22h que é quando a BU fecha, sabe? Eu fico quase todo dia aqui na BU estudando porque é o único horário que eu tenho para estudar, né?</p>		
31	<p>SONORA - CÉLIA REGINA VENDRAMINI Esse jovem que está na escola, seja no ensino fundamental, no ensino médio, na educação de jovens e adultos, o que a gente tem percebido é que eles vivem em uma condição que não é de estudante em sentido pleno, mas de trabalhador-estudante. Ou seja, necessidade primeira é sobrevivência depois vem outras necessidades de escola, de saúde. Ou seja, ele precisa trabalhar para poder se constituir enquanto estudante, né?</p>		<p>Entrevistada em plano médio comentando as relações entre trabalho e educação.</p>
32	<p>SONORA - ADRIANA D'AGOSTINI Esses jovens têm uma qualificação determinada e tentam um emprego a partir desta qualificação, que é o que eles chamam de plano A, né? Mas imediatamente eles já estão [pensando em] fazer outros cursos, de culinária, de serigrafia. Então eles vão para diferentes aspectos de formação para poder ter a chance de trabalhar com algo, de ter um emprego. Então eles têm plano A, plano B e têm a saída de emergência. E a gente tem visto que a saída de emergência geralmente têm sido os empregos vinculados a aplicativos. Entregador, pode ser de bicicleta, pode ser a pé? De</p>		<p>Entrevistada em plano médio discutindo a formação e diferentes opções de trabalho para poder ingressar no mercado.</p>

	carro, né? O Uber e 99, e tudo mais né.		
33	<p>SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA O primeiro trabalho que eu fiz no ano foi fazer o Rappi. Foi em janeiro, eu acho. Foi bem quando o aplicativo estava chegando aqui em Florianópolis, então tinha uma demanda muito grande. Bastante gente, eu acho, viu isso como uma oportunidade de ter uma renda extra né? E eu também fui um deles. Aproveitei essa oportunidade. Fiz o Rappi por um mês e meio, mais ou menos. Além disso, para ter uma renda mais diversificada, comecei a procurar outros trabalhos. Fiz uns <i>freelas</i> em um barzinho aqui perto da Universidade, trabalhei em um restaurante na Lagoa. Aí, além disso, refiz a instalação elétrica de um hostel no Rosa.</p>		Entrevistado em plano fechado, falando sobre os diferentes trabalhos que realizou para garantir renda.
34	<p>REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO E aí tu se formou em técnico de informática, trabalhou no HU e ficou um ano desempregado por quê?</p> <p>SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO É porque hoje em dia tem gente que tem técnico e tudo, mas eu creio que o pessoal tá mais procurando o pessoal graduado mesmo, que tenha uma graduação, uma faculdade. E é bastante concorrido, né? Hoje qualquer adicional a mais, qualquer especialização a mais eles estão buscando essa pessoa. E também na área que eu fiz, informática e na área de</p>	Legenda com pergunta da repórter.	Entrevistado em plano médio falando sobre a dificuldade de encontrar emprego em sua área de formação inicial e da necessidade de ter uma graduação em seu currículo.

	<p>tecnologia, tem bastante gente que foi formada nisso.</p> <p>REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO Entendi. Então tu achas que o mercado não tinha tantas possibilidades de emprego na área que tu se graduou primeiramente?</p> <p>SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Sem dúvida, Santa Catarina e Florianópolis como um polo da tecnologia tem bastante vaga de emprego, mas também tem bastante gente. O mesmo número de oferta e demanda, no caso.</p>	<p>Legenda com pergunta da repórter.</p>	
35	<p>SONORA - ADRIANA D'AGOSTINI Então dizer hoje "estuda que vai ser alguém na vida", não necessariamente vai corresponder. Por que a gente tem hoje tanta gente formada, com diploma, com doutorado, e não estão empregados? Ou não estão empregados na sua área.</p>		<p>Entrevistada em plano médio comentando a dificuldade de jovens com formação superior conseguirem emprego.</p>
36	<p>SONORA - ÁLISSON CARLOS DA SILVA O que eu sei é que não vai ser fácil conseguir um trabalho, né? Mas o que eu penso, não que eu bote isso em prática sempre, mas o que eu penso é que se eu for um profissional diferente dos outros eu vou ter uma facilidade maior de encontrar um emprego, só que enquanto eu estiver aqui na universidade eu tenho que tentar lutar por isso, né?</p>		<p>Cena com entrevistado em pé falando sobre o futuro no mercado de trabalho.</p>
37	<p>REPÓRTER - BRUNO ROSA RAMOS</p>	<p>Legenda com pergunta do</p>	<p>Cena com entrevistado em pé falando sobre o futuro</p>

	<p>Nessa onda de desemprego que a gente tem, com tantos jovens desempregados no Brasil, com tu se sentes com relação ao futuro? Tu achas que isso tende a melhorar, o tu achas que...?</p> <p>SONORA - JOSÉ CARLOS CARDOSO Mais uma vez, não querendo criticar muito, mas o governo não está ajudando, sabe? Seja fazendo cortes na educação, ou então essa reforma trabalhista que dizem eles que iria ajudar mas creio eu que não vá. Eu creio que vá piorar um pouco, mas o brasileiro sempre se reinventa, né? Brasileiro é um povo que sempre dá um jeito, então no meu futuro eu creio que vou conseguir.</p>	repórter.	no mercado de trabalho.
38	<p>SONORA - ADRIANA D'AGOSTINI Quando a gente pensa em uma educação de cunho crítico, tu tens que pensar não na construção da ilusão do jovem em relação a trabalho e educação. E sim como ele compreende o processo produtivo para se colocar nele.</p>		Entrevistada em plano médio falando sobre formação crítica para a inserção no mercado de trabalho.
39	<p>SONORA - VITORÍ BARREIROS Eu não gosto de aprender na teoria não. Eu gosto de aprender na prática. Eu não tenho muita paciência para esperar a teoria para chegar no momento de experimentar. Eu gosto de experimentar a hora que eu quiser. Sou uma pessoa muito criativa, e por ter essa galera Millennial que passou na minha frente abrindo algumas portas, eu percebo que tenho a</p>	Vitorí Barreiros Estudante de Marketing Digital	Cena de transição com detalhes das mãos da entrevistada. Corta para entrevistada em plano médio, dando sua opinião sobre o ensino tradicional.

	<p>possibilidade de construir algumas coisas que já foram desconstruídas.</p> <p>Mas eu passei no vestibular da UDESC, em Pedagogia. Bem naquela crise de terceiro, não sabia o que fazer e tal. Era uma coisa que eu gostava, criança, educação, comunicação. Aí acabei fazendo vestibular pela primeira vez para testar, passei em segundo lugar. Daí meus pais simplesmente me soltaram aqui e <i>falou: lide.</i></p> <p>Cursei até a quinta fase.</p> <p>REPÓRTER - BRUNO ROSA RAMOS E desistiu por quê?</p> <p>SONORA - VITORÍ BARREIROS Desisti porque para mim não funciona o ensino tradicional. Cadeiras, e paredes brancas, uma pessoa atrás da outra.</p> <p>Eu trabalho com tecnologia e impacto social também. Então eu já apliquei e tenho certeza que a tecnologia pode mudar o mundo. A gente só precisa ter gestores que saibam usar essa tecnologia para direcionar. Políticas públicas são facilmente controláveis e mensuráveis com dados. Automatização de diálogos, por exemplo. Eu tenho uma robô que luta contra o racismo no Twitter. Ela explica vários termos racista que o Brasil usa que muitas vezes pessoas negras não tem paciência ou obrigação de explicar para pessoas brancas.</p>	<p>Legenda com pergunta do repórter.</p>	<p>Cena em movimento com entrevistada entrando em seu local de trabalho. Corta para entrevistada em plano médio falando sobre tecnologia.</p>
--	---	--	---

	<p>Minha mãe é pedagoga e meu pai é militante político e professor. Então eu sempre estive imersa em um mundo onde o "por que" tinha resposta e eu deveria questionar o porquê sempre. E não levar desaforo para casa. Então meu pai sempre falou: machismo, misoginia e racismo é uma coisa que você não vai levar para casa. Minha família por parte de pai não leva, porque minha família por parte de pai é negra e minha família por parte de mãe é branca. Então eu também cresci nesse mundo meio miscigenado sem entender muito o meu lugar enquanto pessoa negra de pele mais clara.</p> <p>E eu lembro do computador lá em casa, porque como meu pai era professor e minha mãe pedagoga, eles já utilizavam dessa tecnologia. Eu lembro que em Concórdia, ainda na minha infância, já tinha um computador tubo, e o que eu gostava de fazer era brincar no Word, porque tinha várias formas de botar as letras. E, normalmente, o que eu sentia... Eu gostava de um menino e escrevia lá para aquele menino, então eu tinha vários documentos salvos para aquele menino. Brincava com tamanho de fonte, com a fonte, com números, enfim. Eu escrevia tudo lá e eu já sabia mais ou menos como digitar e como se comunicar por aquele meio que foi onde eu desenvolvi minhas emoções.</p>		
40	<p>SONORA - VALÉRIA DE BETTIO MATTOS Acho que um ponto de partida para poder compreender essas</p>		Entrevistada em plano fechado comentando sobre a geração Millennial e sua relação com o estado

	<p>definições ou essas caracterizações precisa, necessariamente, partir de um corte de realidade de Brasil e de realidades de classes dentro desse Brasil. Quando a gente fala em gerações X, Y, Z, a referência é sempre ano de nascimento, né? Então nascidos entre 2000 e 2010, por exemplo, acabam caindo dentro de uma determinada especificidade que acaba sendo associada a um tipo de geração. Mas quando a gente pensa a realidade do Brasil, acho que têm outras questões que se sobrepõem e são mais importantes, né?</p>		<p>socioeconômico dos jovens brasileiros.</p>
<p>41</p>	<p>Então, quando a gente fala em termo Millennial, em geração Z, se encaixa mas não muito porque se um menino não tem nem celular aos 18 anos porque ele realmente não tem condições financeiras, ele é Millennial? Esse cenário faz sentido aplicar à realidade do Brasil? O que é inovação no Brasil? Porque a favela é inovadora pra caramba. A favela sobrevive com pouquíssimo por muito tempo.</p> <p>Eu acho que isso é totalmente erro de design de governo e proposital. A herança do Brasil é essa, faz menos de dois séculos da abolição da escravatura. A gente não pode fingir também que não impacta. Fingir que tá tudo bem.</p> <p>E a gente não pode fingir que isso não impacta no cenário de transformação digital que o Brasil tá vivendo, que não é igual do americano que a gente tem como base.</p>		<p>Entrevistada reforça fala anterior da especialista. Fala também sobre racismo estrutural e o cenário de transformação digital no Brasil.</p>

	<p>Sou totalmente contra quando as pessoas inclusive compara "ah, a Amazon" sendo que, cara, não vai ser a mesma penetração do mercado daqui porque o mercado daqui ainda tem passos atrás para desenvolver em questão cultural e sócio-ambiental de questão de cultura de trabalho para querer se comparar ou querer usar como exemplo o norte-americano.</p> <p>Olha, eu sou uma das pessoas mais confiantes que você vai conhecer sou eu. Pode soar arrogante para algumas pessoas, mas foi nessa fase e com essa educação que eu aprendi a ser confiante e a negociar salário. A falar "isso eu não quero" ou dar minha opinião muitas vezes quando não fui convidada. Ou ser convidada a dar uma opinião e me sentir segura para dar essa opinião e saber recuar quando eu não sei. Então com certeza essa educação baseou, pensando agora em mercado, estar no emprego que eu estou hoje, saber dizer não, saber negociar salário e saber dialogar com pessoas de alto poder, porque eu nunca me senti menos que essas pessoas. Inclusive eu me acho mais porque eu tenho uma vantagem que é a tecnologia e ser nativa digital.</p>		
42	<p>REPÓRTER - MARINA ZANIN NEGRÃO Com o salário que tu ganhas, tu consegues te manter ou você recebe ajuda dos teus pais também?</p> <p>SONORA - VITORÍ BARREIROS</p>	Legenda com pergunta da repórter.	Entrevistada em plano médio falando sobre questões financeiras.

	<p>Não consigo me manter mas eu sou casada. A gente tem um relacionamento financeiro também. Eu não consigo me manter mas eu consigo pagar minhas contas de uma forma proporcional. Não é minhas contas inteiras. Então, tipo. Consigo me manter? Não. Tenho ajuda? Tenho. Dos meus pais? Não. Da minha esposa, sim.</p>		
43	<p>SONORA - ADRIANA D'AGOSTINI Ah, eu acho que é geracional. Isso sim, é geracional. Mas é uma atitude, né? Eu entendo mais como uma atitude de um grupo de jovens, que talvez seja a sua forma de resistir a um futuro tão incerto. Que é se recusar a um futuro tão incerto.</p> <p>SOBE BG - APM_Adobe_Going_Home</p>		Entrevistada em plano médio dando sua opinião sobre a geração Millennial.
44		<p>O Brasil tem hoje 12,5 milhões de pessoas desempregadas. Fonte: PNAD Contínua/IBGE</p>	Fundo preto com mensagem grafada em caixa alta na cor branca.
45		<p>Os jovens entre 18 e 24 anos representam 31,9% desse total. Fonte: PNAD Contínua/IBGE</p>	Fundo preto com mensagem grafada em caixa alta na cor branca.
46		<p>Os jovens recém-graduados que não conseguem emprego saltaram de 8% em 2014 para 14% em</p>	Fundo preto com mensagem grafada em caixa alta na cor branca.

		2019. Fonte: Boletim Empregoem Pauta/DIEESE	
47		Da força de trabalho do país, 41,4% de pessoas estão em trabalhos informais ou por conta própria. A maior taxa desde 2012. Fonte: PNAD Contínua/IBGE	Fundo preto com mensagem grafada em caixa alta na cor branca.

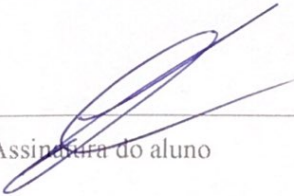
DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Bruno Rosa Ramos, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201478, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **Millennials Invisíveis: onde está essa geração no mercado de trabalho?** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2019.


Assinatura do aluno

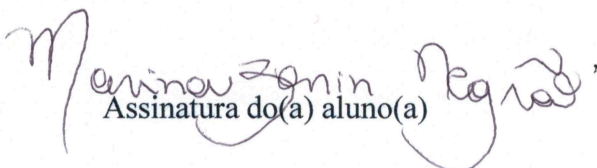
DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Marina Zanin Negrão, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201496 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: ***Millennials Invisíveis: onde está essa geração no mercado de trabalho*** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2019


Assinatura do(a) aluno(a)